

## ECOLINGUÍSTICA: BIODIVERSIDADE E LINGUODIVERSIDADE

Matheus Campos Rangel<sup>1</sup>

Márcia Adriana de Souza Verona<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo visa discutir aspectos da linguística, linguagem e língua, focalizando especificamente na teoria linguística conhecida como ecolinguística. Propõe-se a explorar a área, oferecendo considerações e delineando diversas esferas de interesse. Destaca-se a ênfase nas temáticas da biodiversidade e linguodiversidade, estabelecendo um paralelo entre a diversidade ecológica e linguística. O intuito principal é sublinhar não apenas a importância individual dessas diversidades, mas também realçar a interconexão entre a preservação do meio ambiente e a manutenção da diversidade linguística. São abordadas situações de risco que ambas as esferas enfrentam, delineando desafios e ameaças que podem impactar negativamente tanto no ecossistema quanto na linguística.

**Palavras-chave:** Ecolinguística; Biodiversidade; Diversidade linguística.

### Abstract

This article aims to discuss aspects of linguistics, speech and language, focusing specifically on the linguistic theory known as ecolinguistics. It is proposed to explore the area, presenting considerations and outlining different spheres of interest. The emphasis on the themes of biodiversity and linguistic diversity stands out, establishing a parallel between ecological and linguistic diversity. The main objective is to highlight not only the individual importance of these diversities, but also to highlight the interconnection between the preservation of the environment and the maintenance of linguistic diversity. Risk situations that both spheres face are addressed, outlining challenges and threats that can impact levels in both the ecosystem and linguistics.

**Keywords:** Ecolinguistics; Biodiversity; Linguistic diversity.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pelo Centro Universitário de Araxá (UNIARAXÁ); Graduando em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Faculdade Única; Pós-graduando em Educação Bilíngue e Plurilíngue pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: [matheus.cr001@gmail.com](mailto:matheus.cr001@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos – UFMG. E-mail: [professora.marciaverona@gmail.com](mailto:professora.marciaverona@gmail.com)

## 1. Introdução

Cain, Bowman e Hacker (2017, p. 8), no livro "Ecologia", elucidam que a ecologia se caracteriza como o campo científico que se dedica ao estudo minucioso das interações entre os organismos e o seu ambiente. Diante dessa definição fundamental da ecologia, surge uma questão intrigante: qual relação pode existir entre a ecologia e as línguas? Mufwene lança luz sobre essa conexão ao afirmar que

um conceito originalmente desenvolvido por biólogos para dar conta da vitalidade dos organismos e espécies em seus *habitats* naturais poderia ser estendida para explicar o destino das línguas em seus meios ambientes sociais. (Mufwene, 2016, p. 22)

Diante das ideias apresentadas, é possível perceber um possível encontro entre ecologia e língua, o que configura o principal objeto deste estudo. Explorando o campo da linguística, ciência dedicada ao estudo da linguagem em suas várias dimensões, pode-se avançar em direção à ecolinguística, que se preocupa em estudar a relação existente entre a língua e seu meio ambiente.

Nesse contexto, é essencial compreender a definição e o arcabouço teórico subjacente à ecolinguística. Além disso, é fundamental analisar as áreas de interesse dessa teoria, bem como pesquisar e examinar de que forma as pesquisas contemporâneas estão se desenvolvendo. Para ilustrar esse processo, podemos considerar a análise do discurso e a investigação do processo de aquisição e aprendizagem de línguas como exemplos relevantes.

Na primeira seção do referencial teórico, serão abordados os conceitos fundamentais de linguística, linguagem e língua. Em seguida, será explorada a Ecolinguística e suas áreas de interesse, um campo de estudo dedicado à análise das complexas interações entre a linguagem e o meio ambiente.

Na seção subsequente, serão discutidas as relações entre biodiversidade e diversidade linguística, conhecida também como "Linguodiversidade". Por fim,

serão estabelecidas comparações entre a diversidade biológica e a diversidade linguística, destacando sua significância para a humanidade.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Linguística, Linguagem e Língua

A definição de Linguística pode ser algo difícil, dada à diversidade de teorias, modelos e hipóteses existentes. Cada abordagem se dedica a aspectos específicos da língua, conforme observado por Couto, alguns deles se dedicam a:

descrição de línguas específicas, como é o caso do estruturalismo. Outros, como a Gramática Gerativa, procuram desvendar a capacidade humana para a linguagem, embora não descure do aspecto descritivo. [...] grande parte dos estudiosos da linguagem humana se dedica aos seus aspectos sociais, ou relaciona sistema e aspectos sociais. (Couto, 2009, p. 16)

No entanto, uma definição mais simples de Linguística é apresentada por Cunha, Costa e Martelotta (2017, p.15). Segundo esses autores, “a linguística é definida, na maioria dos manuais especializados, como a disciplina que estuda cientificamente a linguagem”. Com a definição de linguística como ciência que investiga a linguagem, torna-se necessário abordar o que é a linguagem.

A linguagem pode apresentar mais de um sentido. O mais comum é de ser utilizada para qualquer processo de comunicação, como linguagem escrita, linguagem da sinalização, entre outras. Desse modo, as línguas como o português, francês, italiano, entre outras, por exemplo, são formas de linguagem, sendo instrumentos possibilitadores do processo de comunicação em uma comunidade (Cunha, Costa, Martelotta, 2017).

Contudo, linguistas costumam apresentar conceitos diferentes entre língua e linguagem. Compreendendo a linguagem como uma habilidade, apenas dos humanos, possibilitando sua comunicação com outros por meio de línguas.

Língua, por sua vez, é comumente definida como um sistema de signos vocais ou visuais utilizados para a comunicação entre pessoas de um grupo social ou comunidade linguística (Cunha, Costa, Martelotta, 2017).

Com base nas definições de linguística como ciência que investiga a linguagem e a partir da conceituação de língua, torna-se possível abordar a Ecolinguística.

## 2.2 Ecolinguística e suas áreas de interesse

Ecolinguística é uma área de estudo que surgiu no início da década de 70 sendo consolidada no início da década de 90, tendo Haugen como o pai desta disciplina. Ecolinguística pode ser definida como:

[...] o estudo das interações entre língua e seu contexto social, mental e natural, via população. Outra possibilidade de dizer a mesma coisa seria: Ecolinguística é o estudo das inter-relações linguísticas que se dão no nível social, no mental e no natural. (Couto, Couto, 2016, p. 382)

Nesse sentido, a Ecolinguística constitui um campo de estudo que se dedica à análise das complexas interações entre a linguagem e o meio ambiente. Essa disciplina investiga não apenas como a língua reflete a relação entre os seres humanos e seu ambiente, mas também como a linguagem pode influenciar e moldar essa relação. Ela explora questões que vão desde a representação linguística da natureza até o papel da comunicação humana na conservação ambiental e na compreensão das questões ecológicas contemporâneas. Portanto, a Ecolinguística desempenha um papel fundamental na promoção da conscientização ecológica e na busca por soluções sustentáveis para os desafios ambientais.

Segundo Couto (2009), a língua possui um ecossistema maior que se divide em outros três ecossistemas menores.

Quando um leigo ouve o nome de uma língua que lhe é desconhecida, uma primeira pergunta que lhe vem à mente é quem a fala. A segunda pergunta é onde ela é falada. [...] para que haja uma língua (L) é necessário haver um povo ou população (P) que a freme e a use, sendo que esse povo tem que viver e conviver em determinado lugar ou território (T). (Couto, 2009, p. 19).

A sua totalidade, composta por seus três ecossistemas menores, é denominada Ecossistema Fundamental da Língua (EFL). Esse ecossistema maior se subdivide em outros três menores: o ecossistema social, que abrange as relações entre os membros da população; o ecossistema mental, que engloba a interação entre a língua e o cérebro/mente, representando as redes de conexões neurais (Couto, 2009, p. 24); e o ecossistema natural da língua, constituído pela língua em relação ao território e aos membros da população, considerados corpos físicos, ou seja, a totalidade formada pela língua e o mundo físico (Couto, 2009, p. 26).

A interação é a base dinâmica das línguas, assim como ocorre nas inter-relações dos organismos das sociedades da Ecologia (Couto, 2009).

Uma língua é viva na medida em que é usada em Atos de Interação Comunicativa (AIC) em determinada comunidade. Se, e quando, ela deixa de ser usada nessas circunstâncias, passa a ser uma língua morta. Essa pode até ser mumificada e continuar a ser usada ritualmente, mas nunca como meio de comunicação de uma comunidade, embora ela possa ser planejadamente revivida, como aconteceu no hebraico. (Couto, 2009, p. 12)

A interação é fundamental para o surgimento e a sobrevivência das línguas. No campo da ecologia, por exemplo, ela aborda as relações entre os seres, assim como aquelas entre eles e o contexto em que estão inseridos, podendo ser harmônicas ou desarmônicas. As relações harmônicas intraespecíficas ocorrem nas colônias e sociedades, facilitando ou aprimorando as interações. Já as relações desarmônicas intraespecíficas envolvem competição, tornando a vida das espécies difícil ou reduzida.

Ao aplicar os conceitos de relações harmônicas e desarmônicas às línguas, encontramos em Lambert (1973) a descrição da educação linguística como

"subtrativa" ou "aditiva" para populações bilíngues. O modelo "subtrativo" pode ser equiparado às relações desarmônicas, caracterizando-se pela substituição da língua minoritária pelo idioma dominante socialmente, fenômeno observado, por exemplo, em comunidades indígenas. Por outro lado, o modelo "aditivo" assemelha-se às relações harmônicas, nas quais o indivíduo "proficiente" em um idioma incorpora outro ao seu repertório, mantendo ambos.

O processo de obsolescência e morte de uma língua assemelha-se ao de um organismo vivo, embora não seja análogo aos organismos, mas sim à espécie. (Couto, 2009).

Frequentemente línguas minoritárias são devoradas por línguas mais poderosas, como o português devorou cerca de mil línguas ameríndias aqui no Brasil em apenas 500 anos. Entre as que sobreviveram, a maioria está em um avançado processo de obsolescência, o que significa que, se não houver uma força externa que freie o processo, dentro de alguns anos estarão extintas. (Couto, 2009, p. 13)

Contudo, nem sempre a língua com maior poder político, econômico e militar consegue se impor e dizimar a língua ou as línguas dominadas, surgindo casos de pidginização<sup>3</sup> e crioulização<sup>4</sup> (Couto, 2009).

Partindo para as áreas de interesse da Ecolinguística, observa-se que essa disciplina possui diversas vertentes teóricas e campos de estudo. Entre elas, pode-se destacar a própria Ecolinguística, que se dedica ao estudo das relações entre a língua e o meio ambiente. Além disso, tem-se a Ecologia Linguística, que analisa as conexões entre a língua e as questões "ecológicas", como diversidade e

---

<sup>3</sup> Pidginização é entendida como a formação de pidgins. Pidgin é um meio de comunicação que surge em situações em que os povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis entram em contato, e esse contato mantém-se. Pesquisadores do processo de pidginização e crioulização acreditam que os pidgins não passam de meios de comunicação provisórios que surgem no contato de línguas (Couto, 2009).

<sup>4</sup> A formação de uma língua crioula é entendida como crioulização, tratando-se de uma língua plena como qualquer outra (Couto, 2009). Existe uma possível concordância de que o processo de crioulização está ligado à expansão colonial europeia, sendo um processo de contato da língua europeia com a língua nativa da região colonizada, processo esse que origina uma língua que passa a ser a materna de uma comunidade (Lucchesi, 2019).

problemas ambientais (Couto, 2007, p. 42). Para a Ecologia Linguística, também é utilizado o termo “linguística ambiental”.

A Ecologia das Línguas concentra-se no estudo das inter-relações entre as línguas, abordando temas como pidginização, crioulização, obsolescência e morte de línguas, empréstimos linguísticos, entre outros (Couto, 2007, p. 42). Este campo consiste no estudo das interações de qualquer língua com seu ambiente, com ênfase nas interações comunitárias e culturais, sendo abordado em pesquisas sobre sociedades multilíngues (Garner, 2015).

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma subárea da ecolinguística, representando uma aplicação específica da linguística ecossistêmica. A ADE concentra-se na análise de discursos a partir de uma perspectiva ecológica de mundo, sendo capaz de investigar não apenas discursos ambientais, mas também discursos não relacionados ao meio ambiente, uma vez que sua teoria ecológica não é exclusivamente limitada ao seu objeto de estudo (Couto, 2015).

Estudos sobre a aquisição de linguagem fazem parte das áreas de interesse da ecolinguística. Demonstram que a aquisição da língua é vista como uma adaptação da criança ao seu meio, aprendendo a lidar com a interação entre o mundo natural, mental e social. A aquisição da língua materna consiste em uma interação gradual e, ao mesmo tempo, global, no ecossistema em que a criança vive, sendo um processo natural (Couto, Fonseca, 2013). Já a aprendizagem de outra língua (L2) não é tão natural quanto a de L1; pela perspectiva ecolinguística, é uma tentativa de adaptação a outro EFL, vinculando-se a outro ecossistema. Nesse sentido, é improvável que um indivíduo aprenda uma nova língua plenamente devido à adaptação a um EFL, tornando-se desafiador o domínio de uma segunda língua como o de seus falantes nativos (Couto, Fonseca, 2013).

As áreas mencionadas não são as únicas de interesse da Ecolinguística; outras que podem ser citadas incluem a endoecologia da língua, etnoecologia linguística, ecologia da evolução linguística, e Biodiversidade e Linguodiversidade, tema a ser discutido na próxima seção.

### 2.3 Biodiversidade e Linguodiversidade

Esta seção tem como propósito examinar conceitos relacionados à diversidade biológica, abrangendo os reinos animal e vegetal, conhecida como biodiversidade, bem como a diversidade cultural, focando especificamente na diversidade linguística, chamada de linguodiversidade.

Biodiversidade é um termo que se refere à diversidade biológica, englobando uma ampla variedade de formas de vida, desde microorganismos até a espécie humana, abrangendo tanto a fauna quanto a flora (Alho, 2012). Com o aumento dos impactos causados pelas atividades humanas na biodiversidade do nosso planeta, a valorização e a importância dessa diversidade para o bem-estar e a saúde humana tornaram-se ainda mais evidentes. Não há dúvidas de que a diversidade ecológica é benéfica (Alho, 2012). No entanto, apesar de sua relevância, tem-se testemunhado uma contínua redução dessa diversidade.

No que diz respeito à diversidade linguística, não se alcançou o mesmo consenso sobre seus benefícios que se tem em relação à biodiversidade. Embora o consenso por si só não seja suficiente para deter ações prejudiciais à diversidade ecológica, ele contribui para a conscientização de que tais ações têm impactos negativos na vida de todos no planeta. Apesar da falta de um consenso unânime, a diversidade linguística é inegavelmente benéfica para os seres humanos, abrangendo o multilinguismo, o multidialetalismo e outras variações que uma língua pode apresentar.

Assim como nos ecossistemas, onde a riqueza, a continuidade e o equilíbrio são garantidos pela diversidade, a diminuição da biodiversidade implica empobrecimento da vida na Terra (Couto, 2007).

Estima-se que o ápice da diversidade linguística tenha se dado há cerca de 10.000 anos a. C. E que desde então, como ocorre na biodiversidade, a diversidade linguística vem diminuindo (Couto, 2007). Apenas umas 300 línguas como o mandarim, inglês, espanhol, entre outras são faladas por comunidades de um milhão ou mais de pessoas, apresentando uma tendência de convergência para poucas línguas de prestígio (Couto, 2007).

De acordo com estimativas, antes da chegada dos europeus ao Brasil, existiam aproximadamente entre 600 a 1000 línguas faladas por diferentes povos indígenas. Atualmente, esse número diminuiu consideravelmente, chegando a cerca de 150 línguas (Santana, 2020). Essa drástica redução pode ser atribuída à perda de populações indígenas durante o processo de colonização do país, no qual as línguas dominantes prevaleceram sobre as menos faladas, um fenômeno frequentemente descrito como "as grandes línguas devoram as pequenas" (Couto, 2007, p. 362). O português foi a língua imposta a esses povos, resultando em uma perda incalculável do patrimônio humano e cultural do Brasil.

A tendência de algumas línguas se destacarem devido ao seu prestígio social, assim como de determinados dialetos dentro de uma língua, está se tornando cada vez mais comum. Isso ocorre porque a diversidade linguística tem sido frequentemente percebida como algo disfuncional, como Couto (2007) salienta:

A diversidade tem sido considerada como disfuncional. Na antiguidade, ela não era bem-vinda, uma vez que era contra a ideia centralizadora dos impérios, como o grego, o romano e outros. Na época de formação dos estados-nações a repugnância por ela continuou. Enfim, ela perdura até nossos dias, e talvez com mais força ainda. (Couto, 2007, p. 365)

Atualmente, percebe-se que, embora as pessoas estejam cientes da importância da biodiversidade, muitas ainda optam por ignorá-la. No entanto, no contexto linguístico, torna-se urgente a compreensão de que quanto mais dialetos uma língua abranger, especialmente aqueles que não desfrutam de prestígio social, mais rica ela será em sua capacidade de expressar o mundo ao seu redor (Couto, 2007). Quando se trata de línguas de domínio cultural, como o inglês, a questão da apropriação pode variar de uma abordagem "aditiva", conforme discutido anteriormente neste estudo, para uma abordagem "subtrativa". Muitas vezes, as minorias linguísticas acabam substituindo sua língua materna pela língua socialmente prestigiada, o que é um problema significativo.

Ambas as formas de diversidade enfrentam ameaças; no entanto, do ponto de vista humano, é importante notar que, se todos os animais, incluindo os seres

humanos, e as plantas desaparecessem, a natureza ainda persistiria. A preservação da diversidade, seja ela biológica ou linguística, é de vital importância para a humanidade. Se os seres humanos não zelarem por essas formas de diversidade, serão eles próprios os maiores prejudicados, conforme apontado por Couto (2007).

### 3 Metodologia

O estudo foi conduzido metodologicamente por meio de pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2008), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Assim, foram buscadas informações sobre o tema tratado, realizando revisões de artigos e livros. Esses foram os meios fundamentais nos quais a pesquisa se baseou, reunindo e comparando informações de diferentes publicações, com destaque para as pesquisas ecolinguísticas de Couto como principal referência.

Cunha, Costa e Martelotta foram as principais referências para discutir linguística, linguagem e língua. Além disso, conceitos encontrados em Cain, Bowman e Hacker sobre ecologia, e reflexões de Mufwene, foram de grande importância para abordar o tema escolhido na presente discussão do artigo.

Partindo dos conceitos apresentados pelos autores, não se limitando aos mencionados no parágrafo anterior, foi possível criar um trajeto para discutir a ecologia e sua relação com a língua, além de debater sobre outras áreas de conhecimento conectadas à discussão.

O método de pesquisa escolhido foi significativamente eficaz para atingir os objetivos propostos, permitindo analisar a relação entre a língua e a ecologia. Além disso, proporcionou explorar diversos caminhos de conhecimento, possibilitando enxergar possibilidades ao longo do percurso. Compreendemos que, assim como a diversidade ecológica, a língua depende da diversidade para manter-se em equilíbrio e riqueza.

#### 4 Considerações Finais

A partir do desenvolvimento do estudo, foram abordados temas essenciais como linguística, linguagem e língua. A partir das reflexões propostas, adentrou-se ao estudo da ecolinguística, uma vertente relativamente recente da linguística consolidada nos anos 90. Explorou-se sua conceituação e algumas de suas áreas de interesse, com destaque para Biodiversidade e Linguodiversidade. Foi enfatizada a importância da diversidade, não apenas no contexto biológico, mas também no linguístico.

Embora seja amplamente reconhecida a importância da diversidade biológica, observou-se que ambas as diversidades enfrentam ameaças. A diversidade linguística, por exemplo, revela a tendência de algumas línguas se sobressaírem devido ao prestígio social que possuem, contribuindo para a extinção das línguas minoritárias.

Nas conclusões deste estudo, destaca-se a necessidade premente de discutir não apenas a diversidade biológica, mas também a linguística. Reconhecem-se os riscos iminentes que ambas enfrentam e a importância de medidas eficazes para a preservação dessa riqueza diversificada, fundamental para o equilíbrio e a riqueza do ambiente e da cultura.

#### 5 Referências

ALHO, Cleber JR. **Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica**. Estudos avançados, v. 26, p. 151-166, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/5ffmTbhgzD3WQMjJPFWx7pK/?format=html>>. Acesso em: 22 agosto 2023.

CAIN, Michael L.; BOWMAN, William D.; HACKER, Sally D. **Ecologia**. Artmed Editora, 2017.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki; DA FONSECA FERNANDES, Eliane Marquez. **Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística**. Letras de Hoje, v. 48, n. 3, p. 290-298, 2013. Disponível em:

<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/12615>>. Acesso em: 23 maio 2023.

DO COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki. **Revisitando a Análise do Discurso Ecológica (ADE)**. Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista de Linguística e Teoria Literária, v. 7, n. 1, p. 117-129, 2015. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4455>>. Acesso em: 21 agosto 2023.

DO COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki; DO COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística, linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica (ADE)**. Signótica, v. 28, n. 2, p. 381-404, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6323140>>. Acesso em: 25 maio 2023.

DO COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Thesaurus Editora, 2007.

DO COUTO, Hildo Honório. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas**. Ed. Contexto, 2009.

GARNER, Mark. **Ecologia da língua como teoria linguística**. Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, p. 65-78, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/10064>>. Acesso em: 21 agosto 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAMBERT, Wallace E. **Culture and language as factors in learning and education**. 1973.

LUCCHESI, Dante. **Por que a crioula aconteceu no Caribe e não no Brasil? Condicionamentos sócio-históricos**. Gragoatá, v. 24, n. 48, p. 227-255, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33628>>. Acesso em: 21 agosto 2023.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *et al.* **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 254 p.



MUFWENE, Salikoko. **Ecologia da língua: algumas perspectivas evolutivas.** Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL), v. 2, n. 1, p. 21-38, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9896>>. Acesso em: 6 março 2023.

SANTANA, Caio. Um Brasil de 154 línguas. **Jornal da USP.** 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas/>>. Acesso em: 22 agosto 2023.